



Uma em cada três escolas com resultados acima da média nacional

Fórmula sugerida pelo ministério tem em conta o leque de exames realizados em cada escola, o número de alunos que realizou cada uma das provas e a média nacional das mesmas

Média de referência
Andreia Sanches

Seis em cada dez (381) escolas secundárias onde houve pelo menos um dos oito exames mais concorridos ficaram aquém da média nacional. E 227, um terço do total (608), ultrapassaram essa fasquia.

Este é o resultado da aplicação de um cálculo, sugerido pelo Ministério da Educação e da Ciência, que permite saber quão acima (ou abaixo) está cada secundária daquela que é a sua “média de referência” – uma média que tem em conta três coisas: o leque de provas realizadas nessa escola, o número de alunos que realizou cada uma e a média nacional das

mesmas. O contexto socioeconómico não é ponderado.

Para além das notas dos alunos nos exames, o ministério forneceu, pela primeira vez, à comunicação social, alguns dados de contexto por agrupamento escolar – mas dizendo que cabe a cada um tratá-los como entender. O PÚBLICO pediu a colaboração da Universidade Católica do Porto, que determinou quais eram as variáveis mais importantes e qual o resultado esperado nos exames em cada estabelecimento, em função do ambiente socioeconómico que o rodeia. Essa análise pode ser encontrada ao longo deste suplemento. E permite comparar as escolas com outras do mesmo contexto.

Já a fórmula proposta pelo ministé-

rio, a pedido dos órgãos de comunicação social, permite outra análise. A “média de referência” de cada escola, como lhe chama a tutela, corresponde, na prática, ao valor que se obteria se calculássemos a diferença da nota de cada aluno numa certa disciplina com a média nacional nessa mesma cadeira e depois, no final, fosse feita a média dessas diferenças todas. Permite, basicamente, comparar cada escola com as outras do país. Seguindo esta lógica, comportam-se melhor as escolas que superam a sua “média de referência” e pior as que mais aquém ficam desse valor.

Um exemplo: o Colégio Nossa Senhora do Rosário, no Porto. Foram realizadas 382 provas e a média foi de 14,7 valores. Tendo em conta o leque

de exames feitos no Rosário, e o número de examinandos em cada um, a “média de referência” para este colégio privado é 10,08 valores. Com os seus 14,7 efectivamente alcançados, ficou 4,6 valores acima da média nacional. Já a Academia de Música de Santa Cecília, em Lisboa, teve 14,48 de média nos exames, quando seria provável que não ultrapassasse os 9,79. Por que razão a “média de referência” para esta escola é mais baixa do que a do Rosário do Porto? Porque das 44 provas realizadas na Santa Cecília, mais de 60% foram em disciplinas mais “difíceis” (Biologia e Física e Química, que têm médias nacionais negativas). No Rosário, por comparação, apenas 30% das provas foram prestadas nestas cadeiras.

Assim se explica que o Rosário, que é o n.º 1 do ranking feito a partir das médias simples, ficasse em 3.º se a lista fosse construída a partir das diferenças entre as notas obtidas e a “média de referência”. E que a Santa Cecília passasse a ocupar o 1.º lugar – foi a que mais ultrapassou a “média de referência” (em 4,69 valores).

Mais um exemplo: a EBS Monte da Ola (Viana do Castelo). Com 9,18 valores está no 428.º lugar do ranking do PÚBLICO. Mas num que fosse feito com base na diferença em relação à “média de referência” ficaria em 397.º É que o valor que seria esperado para esta escola é de 9,37. Ou seja, a escola não conseguiu alcançar esse resultado. Mas ficou muito mais perto dele do que outras.